



SEÇÃO: ARTIGOS

'O soldadinho de chumbo' e a naturalização do preconceito com a deficiência: O fenômeno do dizer a infelicidade como felicidade e a pressuposição intertextual

'The tin soldier' and the naturalization of prejudice against deficiency: The phenomenon of saying unhappiness as happiness and the intertextual presupposition

'El soldadito de plomo' y la naturalización del prejuicio contra la discapacidad: El fenómeno de decir la infelicidad como felicidad y la presuposición intertextual

Julio Cesar Machado¹

orcid.org/0000-0003-0364-3370
julio.machado@uemg.br

Recebido em: 14 jan. 2024.

Aprovado em: 12 mai. 2024.

Publicado em: 08 out. 2024.

Resumo: Esta pesquisa² analisa o corpus de uma animação de "O soldadinho de chumbo", e objetiva: (i) elucidar que existe um conteúdo-pressuposto de "não ser pessoa com deficiência e dever possuir beleza padrão para se casar nos contos de fadas", que está inscrito no conteúdo-posto "casar-se nos contos de fadas"; e, em detrimento deste, o segundo objetivo é (ii) defender a categoria de pressuposição intertextual, entre o leque de conceitos da Semântica Argumentativa; e também (iii) investigar o fenômeno enunciativo da inversão argumentativa, isto é, dizer o fenômeno de o trágico como romântico, próprio da enunciação de O soldadinho de chumbo. Para tal, nosso referencial teórico será a Semântica Argumentativa, sobretudo operando os conceitos de pressuposição, modificador desrealizante e modificador realizante, de Oswald Ducrot. Com a finesse de uma concepção textual, intertextual e imagética desses conceitos, dado que nosso corpus é uma animação. Nossa principal hipótese coincide com o pressuposto intertextual inscrito nessa animação: em versões dos contos de fadas de animações para público infantil, o happy end é um pressuposto (intertextual) reservado aos corpos privilegiados, já que no posto "felizes para sempre" inscreve-se o pressuposto "não ser pessoa com deficiência e possuir beleza padrão" para ter direito ao 'felizes para sempre'. Nossos resultados impactam sobretudo as áreas da linguagem e do ensino, porque se constituem por uma crítica a uma prática de leitura/perpetuação prescritivas de contos de fadas, acriticas e vazias, que apenas romantizam e naturalizam a tragédia da erradicação da pessoa com deficiência e a perpetuação do happy end enquanto pressuposto da elite.

Palavras-chave: pressuposição intertextual; contos de fadas; deficiência; beleza padrão; soldadinho de chumbo.

Abstract: This research analyzes the corpus of an animation of "The Tin Soldier" and aims to (i) elucidate that there is a content-presupposition of "must have a non-deficient body and must have beauty pattern for getting married in fairy tales", which is included in the content-post "getting married in fairy tales"; and, to the detriment of this, the second objective is (ii) to defend the category of intertextual presupposition, among the range of concepts of Argumentative Semantics; and also (iii) investigate the enunciative phenomenon of argumentative inversion, that is, saying the phenomenon of the tragic as romantic, typical of the enunciation of The Tin Soldier. To this end, our theoretical framework will be Argumentative Semantics, mainly operating the concepts of presupposition, de-realizing modifier and realizing modifier by Oswald Ducrot, with the finesse of a textual, intertextual and imagery conception of these concepts, given that our corpus is an animation.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte e Universidade de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.

² Financiada pelo Edital PROPPG-PQ-UEMG 10/2022.

Our central hypothesis coincides with the intertextual presupposition inscribed in this animation: in versions of fairy tales in animations for children, the happy end is an (intertextual) presupposition reserved for privileged bodies, since in the post "happy end" is inscribed the presupposition "have to possess a non-deficient body and with standard beauty" to have the right to "happy end". Our results impact above all the areas of language and teaching because they constitute a critique of a practice of prescriptive reading/perpetuation of fairy tales, uncritical and empty, which only romanticize and naturalize the tragedy of the eradication of the deficiency and the perpetuation of the happy end as an elite presupposition.

Keywords: intertextual presupposition, fairy tale, deficiency, standard beauty, tin soldier

Resumen: Esta investigación analiza el corpus de una animación de "El soldadito de plomo", y tiene como objetivo: (i) dilucidar que existe un presupuesto de contenido de "debe tener un cuerpo no discapacitado y debe tener patrón de belleza para casarse en los cuentos de hadas", que se incluye en el contenido del post "casarse en los cuentos de hadas"; y, en detrimento de ello, el segundo objetivo es (ii) defender la categoría de presuposición intertextual, dentro de los conceptos de la Semántica Argumentativa; y también (iii) investigar el fenómeno enunciativo de la inversión argumentativa, es decir, decir el fenómeno de lo trágico como romántico, propio de la enunciación de El soldadito de plomo. Para eso, nuestro marco teórico será la Semántica Argumentativa, operando especialmente los conceptos de presuposición, modificador desrealizante y modificador realizante, de Oswald Ducrot. Con lo cuidado de una concepción textual, intertextual e imagética de estos conceptos, dado que nuestro corpus es una animación. Nuestra principal hipótesis coincide con el presupuesto intertextual inscrito en esta animación: en las versiones de cuentos de hadas en animaciones para niños, el final feliz es un presupuesto (intertextual) reservado a cuerpos privilegiados, ya que en el post "felices para siempre" está inscrito el supuesto "tener que tener un cuerpo no discapacitado y de belleza estándar" para tener derecho a ser 'felices para siempre'. Nuestros resultados impactan sobre las áreas del lenguaje y la enseñanza, porque constituyen una crítica a una práctica de lectura/perpetuación prescriptiva de cuentos de hadas, acrílicos y vacíos, que sólo romantizan y naturalizan la tragedia de la erradicación de los discapacitados y la perpetuación de el final feliz como una presuposición de la élite.

Palabras clave: presuposición intertextual; cuentos de hadas; deficiencia; belleza estándar; soldadito de plomo.

1. Introdução

Esta pesquisa, financiada pelo Edital PRO-PPG-PQ UEMG 10/2022, compreende que o fenômeno da instrumentalização moralista dos contos de fadas (prescrever como ser/o que fazer,

como obedecer a mãe e etc) silencia a riqueza de sentidos sociais, históricos e políticos, aqui mobilizados, cifrados nas simbologias feéricas. Assim, nosso objetivo geral é desconstruir a perpetuação de significações domesticadas por uma elite com interesses acrílicos nos contos de fadas que adentram as práticas de ensino.

Nossa organização analítica parte da concepção de contos de fadas: eles são um potencial enunciativo (uma linguagem) que metaforiza as sociedades e suas dinâmicas. E neste artigo interessa-nos a prática social da naturalização do preconceito para com os atípicos (pessoas com deficiência), cifradas no conto do soldadinho, que metaforiza as sociedades e seus sujeitos incomodados pela irrupção de um deficiente (o soldadinho). Soldadinho enquanto sujeito mandado para fogueira, signo social da exclusão reservada aos não-padrões, como as pessoas com deficiência.

Nosso corpus é a animação *the hardy tin soldier* (IMAGINATION; FILM A/S; MAGMA FILMS, 2017)³, um episódio de um programa de gênero infanto-juvenil. Por ele, destacamos inclusive que se instaura um ensino da infelicidade como felicidade para sujeitos-crianças, projetadas nesse episódio.

Nossa metodologia geral, para tal, é bibliográfico-qualitativa, assumindo dois gestos: (i) procedimentos que se atentam para apresentações de recortes da animação seguidas de aplicações, nesses recortes, dos três conceitos principais aqui mobilizados: modificador desrealizante, modificador realizante e pressuposição; e (ii) a mobilização desses três conceitos principais em natureza imagética e intertextual, à luz de Ducrot (1999), Carel (2011) e nossos trabalhos, em Machado (2019).

E, por fim, refletiremos nossa hipótese inscrita nos "happy ends": o pressuposto intertextual ("intertextual" porque está inscrito na totalidade dos contos de fadas animados), de que *ao corpo perfeito está reservado, portanto, a vida de felizes para sempre* (o que não é o caso do soldadinho),

³ The hardy tin Soldier (IMAGINATION; FILM A/S; MAGMA FILMS, 2017). Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=FfABX26b-Ozc&t=1402s> >. Acesso 24 julho de 2023.

e sua recíproca de que *ao corpo imperfeito, portanto, não está reservado a vida de felizes para sempre* (caso do soldadinho). Desconstruímos, assim, subentendidos tradicionais (interpretações à luz do posto e do pressuposto), cujo maior subentendido é a tradição interpretativo-mercadológica de compreender O soldadinho de chumbo como um conto de "resiliência", desrealizando a naturalização das injustiças sociais e romantização do preconceito. Isto é, traremos à tona subentendidos (interpretações) que positivavam uma negatividade, qual seja, a deficiência.

2. A Semântica Argumentativa

A Semântica Argumentativa, fundada por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, e hoje desenvolvida por Oswald Ducrot, Marion Carel e colaboradores de vários países, é uma teoria desenvolvida há mais de cinquenta anos. Trata-se de uma teoria interpretativa e fundamentalmente argumentativa, isto é, considera que toda língua carrega em si *argumentações*. Essas argumentações na língua revelam-se através de duas espessuras inseparáveis: uma da língua fora de uso, que revela *significações* (nas frases de uma língua, fora de uso), e outra da língua em uso, que revela *sentidos* quando tal língua é enunciada (nos enunciados produzidos pelo uso dessa língua). Por exemplo, consideremos a *frase* abaixo, nas suas significações literais, ausente de qualquer situação, fora de qualquer uso:

Frase: O soldadinho deficiente morreu na fogueira. → Significação: algo terrível, final infeliz etc.

Na Teoria dos Blocos Semânticos, atual fase da Semântica Argumentativa, esse processo argumentativo acima, " $X \rightarrow Y$ ", é formalizado por um "aspecto argumentativo", cujo modelo é

sempre [X CONECTIVO Y]. Ele pode ser do tipo normativo ou transgressivo:

✓ normativo – [x PORTANTO y].

Como no aspecto de *prudente*: [PERIGO PORTANTO EVITAR], e

✓ transgressivo – [x NO ENTANTO neg-y].

Como no aspecto de *corajoso*: [PERIGO NO ENTANTO NEG- EVITAR].

Onde "NEG" significa "negação". Acima, temos "não evitar".

Assim, atualizando a frase acima, com sua significação, temos agora o

Aspecto argumentativo: [MORRER NA FOGUEIRA PORTANTO FINAL INFELIZ]

Se "Morrer" pode ser uma argumentação para "final", e que pode ser feliz ou infeliz, a depender do contexto, ao contrário, o advérbio "na fogueira" somado ao verbo "morrer" direciona a argumentação/significação de "morrer na fogueira" apenas como "final infeliz". Isto é, essa frase acima – fora de qualquer uso – carrega *significações* bem negativas em si, como *tragédia, injustiça social, preconceito* etc. "Morreu na fogueira" perfaz, portanto, de partida, e livre de qualquer situação, um **final infeliz**.

Agora consideremos essa *frase*, "O soldadinho deficiente morreu na fogueira", enquanto um *enunciado* – a *frase em uso* –, isto é, considerando também a situação do conto (a odisseia para buscar a amada), o contexto (estar com a amada), e o modo como essa frase foi dita (o romance), como vemos abaixo:

Figura 1 - O enunciado-imagético do Soldadinho de Chumbo morrendo (26:30)



Fonte: Imagination; Film A/S; Magma Films (2017).

O enunciado-imagético acima é um modo bem inversor do conteúdo da frase "O soldadinho deficiente morreu na fogueira", que é argumento para final infeliz. Esse enunciado não parece significar fracasso, ao contrário, esse enunciado inverte a argumentação da frase, e produz um *sentido* de sucesso, de final feliz. Ducrot (1995) chama essa inversão de orientação argumentativa de "modificação desrealizante".

A modificação desrealizante acontece por via do uso de algumas palavras ferramentas, por exemplo, adjetivos atenuadores ou inversores, como *lento* e *pouco*. Por exemplo: [melhora portanto algo bom], mas [melhora *lenta* portanto algo ruim]; e [trabalhar portanto alcançar sucesso], mas [trabalhar *pouco* portanto não alcançar sucesso]. Essa modificação desrealizante, que inverte a orientação argumentativa, também se produz pelo uso do *mas*, como em "Houve uma melhora (é algo bom)" e "Houve uma melhora, mas ela foi *lenta* (não é algo tão bom)"; ou "Ele trabalhou (terá sucesso) e "Ele trabalhou, mas *pouco*" (não terá sucesso), dentre outras (DUCROT, 1995, p. 5). Passemos então a analisar o corpus pelos modificadores desrealizantes.

3. O modificador desrealizante: quando morrer na fogueira torna-se prazeroso

Retomemos o corte imagético acima. A enunciação da frase "O soldadinho deficiente morreu

na fogueira", argumento para final infeliz, foi enunciada imageticamente por muitos modificadores desrealizantes, como vemos, conforme vemos abaixo:

➤ a frase "O soldadinho deficiente morreu na fogueira" + a situação da difícil busca pela amada, + o contexto da morte com a amada, + o modo de dizer super romantizado, + os seguintes modificadores desrealizantes: a bailarina, o sorriso, o aconchego romântico na fogueira, o beijo, o semblante feliz, as chamas curtas (o efeito de uma lareira atrás, ao invés de estar dentro da lareira), a compostura da roupa intacta, do vestido, da rosa no cabelo e do chapéu, que se mantêm elegantemente no corpo apesar da dilaceração, o corpo que não se consome nas chamas, a ausência da dor e dos gritos, praxis da pena de morte, o sorriso que silencia o pavor das feições e dos detalhes, o cabelo intacto com coque, que não se consome nas chamas etc.

Todos esses elementos animados de desenhos desrealizantes (tecnicamente, modificadores desrealizantes) invertem a orientação argumentativa da frase para sucesso, para romance, para final feliz, pois agora temos um *enunciado* (a frase "O soldadinho deficiente morreu na fogueira" + a situação + contexto + os modos de dizer + os modificadores desrealizantes).

Teoricamente, através dos modificadores desrealizantes, inverte-se a orientação argumentativa negativa do conto em positiva: a morte do deficiente não é mais fracasso, é sucesso, morrer na fogueira não é mais trágico, é romântico, e o final infeliz do deficiente é final feliz. As significações negativas de preconceito, injustiça e fracasso, da frase "O soldadinho deficiente morreu na fogueira" são invertidos, pelo enunciado com seus modificadores desrealizantes, em sentidos positivos de recompensa pela luta, justiça, conto inspirador etc, nomeado pelo narrador da animação de "amor verdadeiro". Temos, portanto, o sentido de um **final feliz**. É o *happy end* (o sentido naturalizado do extermínio dos diferentes) dos possuidores e vendedores de corpos padrões, que hegemonizam e perpetuam seus estereó-

tipos. Um final polifônico que imbrica três vozes, porque é final mercadológico, é final estético e é final opressor.

4. O "mas" e os acarretamentos para o ensino

Ducrot (1995, p. 6) explica que outra forma de acontecimento do modificador desrealizante se dá pelo articulador "mas". Em nosso caso, a inversão da orientação argumentativa, de tragédia refutável para romance desejável, na versão de O soldadinho de chumbo analisada, dá-se ao explorar as imagens da animação pelo articulador "mas", que a organiza. Podemos descrever o final, sem empobrecer a riqueza enunciativa das cenas, assim:

Quadro 1 – o "mas" em O soldadinho de chumbo⁴

O soldadinho deficiente morreu na fogueira,	mas	morreu com sua amada bailarina.
↓		↓
[morrer na fogueira <i>portanto</i> final infeliz]		[morrer na fogueira <i>no entanto</i> final feliz]

Fonte: o autor (2024)

Não se trata meramente de uma inversão argumentativa. Há toda uma prática semiótico-social que ressignifica a sociedade por um projeto bem nefasto, enquanto instrumento de ensino: a contação do conto, se acrítica, naturaliza, ratifica, apoia e regozija-se com a tragédia social, que, aliás, nem é enunciada como tragédia, mas agora é final feliz. Isto é, a tragédia social pode ser (enunciada como) final feliz. E como acarretamento de ensino, a tragédia da exclusão social pode ser ensinada como final feliz.

Ainda um ponto produtivo: tanto significação quanto sentido, nessa teoria, são compreendidos como argumentação: uma significação só existe para uma continuação (DUCROT, 2021, s.p.). Assim, as significações/sentidos das frases/

enunciados acima são argumentos que reclamam uma continuação. E essa é a questão crítica: morrer na fogueira perfaz argumento para qual continuação?...

A argumentação está na língua e se produz pela língua. Por um lado, a argumentação *está na língua* porque é significação do preconceito e da tragédia social da morte do diferente, em O Soldadinho de chumbo; e por outro lado, a argumentação *produz-se pelo uso da língua* porque é sentido que silencia o preconceito, naturaliza a extinção do diferente e transtorna morte em romance, em O soldadinho de chumbo, invertendo a argumentação basal da extinção do diferente, que interessa a certos privilegiados que vendem (a ideia de) corpos perfeitos, em *happy end*.

⁴ É importante pontuar que nossos trabalhos atuais sobre o "mas" defendem não mais dois sentidos opostos articulados por "mas", mas uma *negação parcial* articulada por "mas", ou seja: em "O soldadinho deficiente morreu na fogueira, **mas** morreu com sua amada bailarina." temos um leitura conjunta proposta por Carel (final feliz e infeliz, ou *um pouco* de final (in)feliz), e não mais a leitura disjunta proposta por Ducrot (final infeliz versus final feliz, em que prevalece o final feliz – p mas q = q). Porque, como temos dito, "o mas desloca sentidos exatos" (BEHE, CAREL, DENUÇ, MACHADO, 2021, p. 216).

5. Sinonímia: de que nome chamar quem não tem nome?

É produtiva, ainda, a análise sobre a inversão de argumentação no final da animação refletindo o adjetivo “perнета”, principal adjetivo para descrever o protagonista. É interessante notar que, na maioria das versões do soldadinho de chumbo, de alguma forma, a “deficiência” não é adjetivo escolhido nem preferido para descrever o soldadinho, e nem é o conteúdo principal do conto, muito embora a deficiência (res)significa e determina o protagonista soldadinho o tempo todo. Isso ocorre por vários modos de desrealizar, nessas versões do soldadinho, a gravidade penosa e sofrida dos impedimentos, restrições e limitações daqueles desalinhados de seus desiguais. E, assim, instaura-se uma prática deontológica – o dizer infantil – em que se prefere nomes silenciadores/naturalizadores da dura realidade de exclusão humana e social, a ponto de não se pensar sobre isso quando se lê/vê/escuta a estória. Em nosso caso, especificamente, esse silenciamento desrealizador se faz com maestria ao preferir, na narrativa, o uso de “perнета” à “deficiente”. E uma análise desse par se torna pertinente.

Em nosso corpus, “perнета” é dito, e “deficiente” é desenhado. Dois modos de proceder à enunciação nas animações. E no que nos interessa, é preciso descrever essas enunciações revelando os efeitos de sentido que delas se produzem (DUCROT, 1987).

As ciências semânticas não de concordar que “deficiente” e “perнета” são argumentações diferentes. E que por isso mesmo não podem ser consideradas sinônimos – conceito esse com muitíssimas ressalvas nas ciências semânticas –, Além desses dois adjetivos temos os substantivos “soldado” e “soldadinho”, que argumentativamente, são também distintos. Sobretudo nas suas argumentações.

Fato é que foi concordado pela equipe da animação que “perнета”, de alguma forma, é menos grave de se dizer para crianças, que “deficiente”.

Diz-se, várias vezes, “soldadinho perнета”, mas nunca “soldadinho deficiente”. Esta constatação evidencia que “deficiente” é argumento de gravidade, como [DEFICIENTE PORTANTO GRAVIDADE], e explicita significações de um sujeito portador de problemas sociais e humanos excludentes; Mas “perнета” é um modificador desrealizante atenuador, isto é, ainda se preserva dificuldades sociais e excludentes próprias do deficiente, mas de forma menos grave. “Perneta” é argumento converso, que quase toca a normalidade, como [DEFICIENTE no entanto NEG-GRAVIDADE]⁵, que ameniza argumentativamente a primeira, diminuindo todo um modo de viver em exclusão social. E esse último aspecto, é o explorado nas versões do Soldadinho de Chumbo.

Esse par de palavras coloca em relevo o fenômeno da gradualidade (que se iniciou pelas escalas argumentativas), objeto de grande interesse da Semântica Argumentativa, sobretudo nos anos 80. A gradualidade faz ver que a diferença é sutil, mas nada ingênua: deficiente carrega a ideia da “falta”, da atipicidade, e perнета carrega ideia de “algo”, de um pouco de tipicidade. Especificamente, na animação, o “soldadinho deficiente” **não tem** uma das pernas, mas o “soldadinho perнета” **tem** uma perna só. Ora, a gradualidade instaura um universo em que, no dizer, é mais positivo dizer o ter algo do que dizer o faltar. Ter, mesmo que pouco (uma perna), é menos grave que não ter (uma perna). E o desenho elege, assim, “perнета” enquanto adjetivo para o soldadinho sem nome.

Então, os estudos semânticos elucidam que, segundo o raciocínio da animação, “perнета” é preferível e positivo em discursos nas sociedades, e no gênero infantil, em relação a “deficiente” – inclusive orienta-se, atualmente, que se utilize “pessoa com deficiência” ao invés de unicamente “deficiente” –. E é por isso que a tradição de ensino feérico brasileira desconhece o conto do soldadinho de chumbo pela temática da deficiência.

Um exemplo de passagem clarifica essa análise deontológico-social semântica (as regras de dizer): quando se vai descrever fisicamente

⁵ Nota técnica: na notação técnica antiga, “perнета” seria notado por “um pouco”, ilustrando a gradualidade de que “o perнета tem *um pouco* de gravidade”.

alguém com entornos de deficiência, via demonstrativa, por fórmulas como "está vendo João ali? Aquele, que é X", é praxe cuidadosa substituir X por qualquer nome – cor de camiseta, instrumentos levados, óculos, cabelo etc –, evitando, de início, o determinante "deficiente"⁶. É a doxa da perfeição que as sociedades exigem, desde sempre, e ensina (as crianças, por meio de desenhos como esse) que ninguém quer ser chamado/caracterizado por deficiente.

Na esteira dessas preferências doxais sociais, visíveis sobretudo em desenhos infantis, como este, vemos que, argumentativamente, o gênero infantil é a escola das atenuações e higienizações linguísticas: como preferir os usos de: "o resistente soldadinho" (1:03) à "o soldadinho com desvantagens socioambientais, psicológicas e pessoais"; preferir "muito do que é vida é pura sorte" (2:37) a "certas vidas estão sujeitas a condições severas de desigualdade"; preferir "nosso soldado pernetá não era bem-vindo" (3:16) a "nosso soldado com deficiência penava a dor da restrição à participação"; preferir "soldado descomposto, andaste a lutar contra dragões?" (5:45) a "soldado vítima das duras penas dos impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo", e por fim, preferir "pernetá" a "deficiente". Dentre outras tantas amenizações/higienizações⁷, que escapam aos leitores não cuidadosos.

Por fim, a nomenclatura técnica da Semântica Argumentativa tem percepção social em minimamente dois grupos, como propõe Ducrot (2005): palavras positivas e negativas. A palavra "deficiente" é uma palavra com certa negatividade, e "pernetá" é palavra com certa positividade (mesmo com certa negatividade, também), nas comunidades linguísticas diversas – positividade e negatividade, aqui, distantes de decisões so-

ciais ou jurídicas, apenas enquanto cristalizações semântico-sociais, nas deontologias impostas pelas sociedades do dever dizer. E, como vimos, é bom que se mencione, há gravidade na vida de um "pernetá", mas, na relação com "deficiente", esta gravidade é gradualmente inferior.

6. Internacionalização do conto e argumentações distintas de soldado e soldadinho

E por se tratar de um corpus internacional, de muitas traduções, uma análise intercultural, porque entre línguas, é produtiva. Nesta perspectiva, é produtivo que se olhe para a argumentação do sufixo "-inho", de soldadinho, também prática linguística/cultural brasileira – tratar nomes, adjetivos e acontecimentos pelo diminutivo, como festinha, cafezinho, probleminha etc. E em nosso caso, soldadinho.

Interessantemente, tanto a nomeação do original em inglês de nosso corpus, quanto outras versões do conto, não costumam levar o diminutivo. Ao contrário, em inglês temos os nomes: *the hardy tin soldier*, *the brave tin soldier* e *the steadfast tin soldier*, cujas traduções, respectivamente, são próximas de: o resistente soldado de lata, o valente soldado de lata, e o irresoluto soldado de lata; E já a versão francesa é conhecida, além do diminutivo, *le petit soldat de plomb*, também por outros adjetivos como: o estoico soldado de chumbo (*le stoïque soldat de plomb*), o valente soldado (*le vaillant soldat de plomb*) e o intrépido soldado de chumbo (*l'intrépide soldat de plomb*).

As culturas americana e francesa, dois polos de difusão e perpetuação de versões tornam esse conto uma argumentação para enunciar a cultura da resiliência, da resistência, da intrepidez, do valente, do estoico, entre outras,

⁶ Elucida esse raciocínio de descrição da pessoa com deficiência o Art. 20 do Estatuto da Pessoa com Deficiência (SENADO, 2015, p. 1): "Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas."

⁷ Para este trecho da análise, valemo-nos do a *Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Estatuto da Pessoa com Deficiência* (SENADO FEDERAL, 2015, p. 1):

"§ 1º A avaliação da deficiência [...] considerará:

I - os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo;

II - os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais;

III - a limitação no desempenho de atividades; e

IV - a restrição de participação".

enquanto as culturas brasileira e portuguesa tornam esse conto uma argumentação para enunciar uma cultura também de resiliência, mas por vias outras, afetivas ou humildes, através do diminutivo "soldadinho". Contudo, a questão aqui não é gramatical, mas argumentativa: o que este diminutivo argumenta?

Gramaticalmente, o diminutivo -inho é um sufixo que marca significação de tamanho, afeto ou carinho. Mas, argumentativamente, -inho costuma ser modificador desrealizante, isto é, inverte a orientação argumentativa das palavras. Ou seja, o sufixo -inho revela uma prática argumentativa de silenciamentos para crianças, sob o formato reciprocamente invertido⁸: sob a casca dos dizeres brandos, agradáveis e de afetividade, o -inho acaba por atenuar cenários preconceituosos, nefastos, injustos e desumanos. Como vemos na máxima empreendedora da beleza padrão branco europeia: "A modelo é **bonita**, portanto, vende produtos" e sua recíproca "A modelo é **bonitinha**, portanto, não vende produtos".

Além das muitas palavras enunciadas imageticamente por diminutivo, como "**fogo** portanto morte horrenda" e "**foguinho** (a descrição suave e agradável das labaredas mortais) portanto morte agradável"; "**dor** portanto desagradável" e "**dorzinha** (o silenciamento total das dores agudas por morte na fogueira) portanto agradável"; e "**trabalho** portanto penoso" e "**trabalhinho** (a amenização da odisséia busca pela amada, com intempéries, perigo de morte e limitações) portanto não penoso" etc. Assim, *os estudos sobre a argumentação revelam a prática de um quadro nefasto, injusto e preconceituoso que se inverte, pelo uso de -inho, em agradável, justo e romântico*.

A pesquisa semântico-argumentativa de "O soldadinho de chumbo" revela, minimamente, que estamos diante de um método de ensino feérico socialmente perigoso, porque silenciador de injustiças, mas de uso bem difuso na cultura linguística brasileira. Uma leitura argumentativa deve considerar os perigos sociais (a argumenta-

tividade dos diminutivos) – e do ensino do diminutivo – porque é inversor recíproco de sentidos.

Mas também há argumentações diferentes para diminutivos. Vejamos a nomeação do protagonista. Ao invés dos diminutivos perigosos, desrealizantes, acima analisados, o diminutivo de "soldadinho" é um modificador realizante. Isto é, ele reforça, intensifica, uma argumentação já inscrita em soldado. Que passamos a ver.

Na palavra "soldado" está inscrita a argumentação bélica com toda sua gravidade, como "**soldado** portanto maior potencial de guerra", dentre outras argumentações, mas na derivada diminutiva "soldadinho", produz-se a amenização do sujeito mas preservando o potencial de guerra, construindo o transposto "soldadinho, no entanto maior potencial de guerra"⁹. O efeito argumentativo é fortalecedor: mesmo com desvantagens (soldadinho), esse sujeito ainda possui os mesmos potenciais daqueles com maior vantagem (soldados). Temos aqui um -inho enquanto modificador realizante (tecnicamente, não mais uma inversão *recíproca*, mas uma inversão *transposta*, na terminologia da Semântica Argumentativa).

A dinâmica textual do conto ilustra que a orientação argumentativa de "soldadinho" parece ser tanto de tamanho, afeto, mas sobretudo de luta contra as desigualdades frente à deficiência. Há, deste modo, alinhamento entre o Estatuto do Deficiente (SENADO FEDERAL, 2015, p. 1) e o encadeamento do fio narrativo: Mesmo em menor potencial que os soldados, o soldadinho luta, no entanto, pela acessibilidade (andar a pé, andar de barco etc), por tecnologias (uso de instrumentos para descer da mesa etc) e contra as muitas barreiras e elementos de urbanização, que nem sempre o auxiliam. Alinhando a enunciação dessa odisséia com o que propõe o referido Estatuto, "assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania".

Mas, frisamos, parece que, na tradição do

⁸ Conforme a notação teórica da Teoria dos Blocos Semânticos, aspectos *recíprocos* são aqueles que se invertem da afirmação para negação, assim: [X portanto Y] para [NEG-X portanto NEG-Y].

⁹ Conforme a notação teórica da Teoria dos Blocos Semânticos, aspectos *transpostos* são aqueles que se relacionam de [X portanto Y] para [NEG-X no entanto Y].

ensino dos contos de fadas, o conto do soldadinho de chumbo produz menos sentidos sobre a resistência e luta do soldadinho com deficiência e suas injustiças sociais entre seus desiguais, e mais sentidos sobre romance ou "amor verdadeiro". A inversão, agora, não é de ordem linguística via modificadores (des)realizantes ou diminutivos, mas de ordem da prática docente, isto é, da prática do ensino de leituras engessadas ou acriticas dos contos de fadas, que tem firmado uma tradição apolítica e domesticada de análise de contos de fadas¹⁰.

7. O conceito de pressuposição intertextual: qual corpo pode ter final feliz?

Uma análise final ainda é produtiva. Existe um fenômeno do nível implícito tradicionalmente trabalhado nos estudos em Semântica: a pressuposição. Trata-se de um objeto clássico, antigo e atual, o qual, por isso mesmo, evitaremos uma exposição exaustiva. O exemplo clássico (DUCROT, 1987, p. 32) é do posto-explicito "Pedro parou de fumar", que faz ver o pressuposto-implícito "Pedro fumava anteriormente". Assim, como temos visto acima, o fenômeno da linguagem, em Semântica Argumentativa, revela conteúdos inscritos nos simbólicos visíveis, explícitos, ditos (palavras, textos, imagens etc) e conteúdos não visíveis, implícitos, não ditos, mas pressupostos nos postos. Por exemplo, o *posto* da imagem do "deficiente com apenas uma das pernas" (o que está dito) revela os *pressupostos* dos "impedimentos, limitações, restrições e impactos psicológicos e pessoais", que mesmo que transponíveis, existem (o não-dito significado pelo dito).

Em nosso caso, os contos de fadas, vamos tentar identificar um pressuposto bem refinado: aqueles inscritos no *happy end* dos contos de fadas, em animações. Uma primeira percepção nos é reveladora: o que se nos vem à mente quando se ouve a expressão "felizes para sempre"? Minimamente três conteúdos vem-nos à mente:

(1) contos de fadas, (2) casamentos (não qualquer casamento, mas entre princesas e príncipes com belezas padrões), e (3) final feliz. Essa relação entre a espessura produzida "felizes para sempre" com a espessura do conteúdo recuperado, intertextual ou interdiscursiva, de "casamento entre belos" é aqui fundamental. De nossa perspectiva argumentativa, levantamos aqui uma hipótese teórica: trata-se de um pressuposto de natureza intertextual, isto é, uma palavra ou expressão que, além de seus sentidos produzidos, traz ainda à tona uma ideia forte, já construída no passado, e que não se pode livrar dessa ideia no dito que a conclama e a reconstitui. Não se trata de uma interpretação (uma decisão do interlocutor), mas de uma pressuposição (uma imposição ao interlocutor). Essa diferença precisa ser bem marcada.

Um bom exemplo inicial desse fenômeno é o posto da data "25 de dezembro", que além do conteúdo numérico e mensal, revela o pressuposto do "Natal", e não há como negar ou quebrar essa relação, como temos dito (MACHADO, 2019, p. 45). O Natal não é uma interpretação da data (que permite concordar ou não que tal data seja ou não natal em outra cultura), mas é um pressuposto (é presença insistente e inquebrável na estrutura, concorde-se com o Natal ou não).

A espessura intertextual do pressuposto, aqui defendida, já foi alvo de estudos de Ducrot, como analisou o posto da imagem de "um velho na carpintaria", que faz ver o pressuposto de "José, do evangelho" (DUCROT, 1999, p. 107). Segundo Ducrot, mesmo que se negue ser a pintura de José, o eco da pintura de José na carpintaria, já cristalizada, ali insiste. E, ainda, a espessura intertextual da pressuposição também já foi alvo de estudos de Marion Carel, já em fases atuais da Semântica Argumentativa. Por exemplo, quando a linguista concluiu que o posto do enunciado "eu crio, portanto eu existo" torna presente o pressuposto do "penso logo existo", de Descartes (CAREL, 2011, p. 28).

Assim, há algo de "teimosia", insistência e impo-

¹⁰ Dada a natureza paradidática de nosso corpus, um capítulo feérico adaptado para duas crianças que aprendem a estória com um adulto, como se vê no início da animação, podemos deflagar então, além das argumentações do conto, as argumentações de uma prática de ensino desse conto. O que nos permite nossas conclusões sobre as práticas de ensino do soldadinho de chumbo.

sição, de significações anteriores que "invadem" enunciados, no ato de sua produção, que chamamos pressupostos. E que lhe categorizam não como interpretação, mas como pressuposição – isso diferencia o pressuposto dos conceitos de interdiscurso ou intertexto, por exemplo.

Em todos esses exemplos, é muito difícil, mesmo que por indagação ou negação, desvencilhar-se, separar-se desses pressupostos que significam nos postos. E isso acontece no *happy end* feérico. Nos contos de fadas cinematográficos, aqueles difundidos pela Disney, mas não só dela, o *posto do happy end*, por exemplo, "o casamento", significa-se pelo *pressuposto* insistente do "casamentos entre corpos belos, nunca deficientes"¹¹. Mesmo que alguém discorde disso (interprete de outra forma), não se pode apagar esse pressuposto. Negar algo – interpretar de outro modo – não significa que esse algo ali não esteja, e essa é a astúcia da pressuposição. A beleza padrão, não-deficiente, está pressuposta nos casamentos postos.

8. Pressuposição e subentendido

No interior de nossas análises, uma questão teórica surge: os especialistas em Ducrot podem, a princípio, perguntar-se se o pressuposto: (pp) "não ser deficiente e ter corpo padrão para poder se casar"¹² é na verdade um "subentendido" (isto é, uma interpretação). Como vimos acima, a questão teórica é claramente distinta. Mas vale, aqui, uma reflexão sobre o subentendido.

Segundo Ducrot (1972; 1987), o *subentendido* é reservado apenas ao interlocutor, porque o subentendido é uma interpretação do interlocutor, não necessariamente marcada em elementos da língua, mas por ela alcançada. Por exemplo, um telespectador do desenho que analisamos pode concluir que: "o soldadinho aceitou morrer na fogueira ao invés de viver com a amada, portanto, isso é final feliz"; Já o *pressuposto* não

é uma interpretação de alguém, ao contrário, é um conteúdo partilhado entre ambos, locutor e interlocutor, e está marcado em elementos da língua, que passam ao enunciado. Como "nadar" é um verbo que, historicamente, pressupõe "ter braços e pernas" – mesmo que na prática alguém sem os membros posteriores e inferiores consiga nadar –, como também o verbo "casar", na estrutura linguística dos contos de fadas cinematográficos, pressupõe (pp) "não ser deficiente, e ter corpo padrão para poder se casar"¹³. Deste modo, o *posto* "o soldadinho aceitou morrer na fogueira ao invés de viver com a amada" em nada retira, fere ou anula o pressuposto partilhado dos contos de fadas de (pp) "não ser deficiente, e ter corpo padrão para poder se casar". De fato, o conto do soldadinho apenas dá explicitude e relevo a esse pressuposto, materializando-o na morte atroz do soldadinho e sua amada por fogueira, pois não estão autorizados a viver um *happy end*.

Não se trata, portanto de uma interpretação, um subentendido. Trata-se de uma significação convencionalizada entre interlocutores, inscrita na língua – no verbo ou nas cenas de um casamento –, partilhada universalmente, difundida historicamente pela Disney desde a década de quarenta, e de difícil quebra (ou nunca quebra); um pressuposto, portanto.

A espessura intertextual da enunciação como um todo, aqui o *posto* do "final infeliz para o atípico rejeitado", produzido graças ao *pressuposto* do "final feliz para o típico corpo idealizado", cristalizou-se e se universalizou no modo apelativo mercadológico de enunciar as princesas e príncipes, esbanjando estéticas de beleza inalcançáveis, e **nunca deficientes**, por um lado, e os **deficientes**, por outro lado, com seus fins nada desejáveis.

São exemplos dessa deontologia enunciativa dos contos de fadas: a pequena Sereia, *Ariel*, que não pôde se casar por não ter pernas, por ser di-

¹¹ Nota técnica: como vimos, o conceito teórico de pressuposição "intertextual" (aqui, os corpos perfeitos enquanto condição pressuposta para se viver felizes para sempre, nos contos de fadas ditos infantis), embasa-se sobretudo nos estudos da "polifonia intertextual" de Caryl (2011, p. 28, 31, 35), de conhecimento anterior de Ducrot (1999, p. 107) e de anterioridades argumentativas, que propomos (MACHADO, 2019).

¹² O (pp) é a notação para pressuposto.

¹³ Sobre essa distinção pressuposição/subentendido, leciona Ducrot (1987, p. 41): "Para mim, a pressuposição é parte integrante do sentido dos enunciados. O subentendido, por sua vez, diz respeito à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário".

ferente e por ser "de outro mundo"; o *quasimodo* que, corcunda em Notre Dame, à margem da sociedade, não se casa com sua amada Esmeralda, executada em público; *Karen*, a menina dos sapatinhos vermelhos, garota pobre que, por tentar viver portando a beleza estética dos sapatos das princesas, privilégio reservado às ricas, foi castigada, assombrada e vendo-se obrigada a amputar suas pernas, e depois, deficiente com muletas, morreu em estado de pena, sem casamento e na amargura, sem final feliz. Todos esses exemplos nos ajudam a deflagrar a pressuposição naquilo que ela é: um conteúdo implícito reconstituível no nível explícito, pois como afirma Ducrot (1977, p. 20), "o implícito não é encontrado, mas reconstituído".

8.1 Os testes lógicos de Frege aplicado à pressuposição intertextual

Além da espessura histórico-intertextual da enunciação, fundadora de alguns pressupostos que se revelam nos postos, podemos ir além e vislumbrar as filigranas inquebráveis da pressuposição intertextual ao adotarmos um teste antigo. No interior dos estudos da pressuposição, trata-se de dois testes clássicos, da *negação* e da *interrogação*, proposto por Frege (1978). Grosso modo, os testes consistem em aplicar o modo *negativo* e o modo *interrogativo* ao que, para nós, chama-se enunciado, demonstrando que a pressuposição desse enunciado resiste. Ao que nos interessa, esse teste ajuda a firmar o conceito de pressuposição intertextual, que temos defendido, e também elucida que o fenômeno do qual tratamos é de natureza da pressuposição, e não de subentendido.

Vejamos o teste lógico na prática, em nosso enunciado-base desta pesquisa. Inicialmente, consideremos o enunciado-síntese do final da animação, que temos usado nessa pesquisa:

Posto: O soldadinho deficiente morreu na fogueira.

Tal enunciado faz ver os seguintes pressupostos, dentre outros (já que a riqueza imagética do final do conto é riquíssima em pressupostos):

Pressupostos:

*Pressuposto gramatical*¹⁴:

(pp₁) O soldadinho era deficiente, ou o soldadinho não tinha um corpo padrão

(pp₂) O soldadinho morreu.

*Pressuposto lexical*¹⁵:

(pp₃) sobretudo aqueles inscritos na expressão "deficiente", tal como: [DEFICIENTE DC SOFRER IMPEDIMENTOS E DIFICULDADES DIVERSAS].

*Pressuposto co-significado*¹⁶:

(pp₄) O posto "deficiente" pressupõe, co-significadamente, a "rejeição". Isto porque o pressuposto co-significado joga com os períodos (grupos de enunciados ou cenas), de modo que podemos observar complexos discursivos, isto é, argumentações que tangem várias partes do texto/da animação. Assim, o final "O soldadinho deficiente morreu na fogueira", na relação com os muitos períodos/cenas de aventura de busca pela amada, que lhe atribuiu portanto mal cheiro e sujeira, pressupõem a rejeição que terminou na fogueira. A relação entre "deficiente e rejeição", portanto, está na pressuposição de que, tivesse o soldadinho duas pernas, tanto sua luta quanto sua busca seriam bem menos penosas, e ele teria tido menos (ou não teria tido) mal cheiro ou sujeira. Os pressupostos co-significados são: [DEFICIÊNCIA DC SUJEIRA E MAL CHEIRO POR TRANSITAR NA SOCIEDADE] e [SUJEIRA E MAL CHEIRO

¹⁴ Conforme Carel (2021, p. 173), o pressuposto gramatical é linguístico, isto é, possui relação direta com o posto: "um pressuposto é argumentativo quando ele é ligado ao posto no interior de um encadeamento argumentativo, constituindo com ele, assim, um único conteúdo.

¹⁵ Na linha do pressuposto gramatical, há também o pressuposto lexical, a antiga argumentação interna, em casos como "Pedro foi prudente", onde o posto "prudente" revela o pressuposto [PERIGO PORTANTO PRECAUÇÃO] (CAREL, 2021, p. 174).

¹⁶ O pressuposto co-significado é como uma relação íntima entre pressuposto argumentativo e conhecimento de mundo, tal como o posto "Pedro, que trabalhou, está dormindo" pressupõe o "cansaço" e como o posto "Pedro, sentado na ponte, observou o rio fluir sob seus pés" pressupõe "ter as pernas suspensas no ar". Exemplos de Carel (2021, p. 177).

POR TRANSITAR NA SOCIEDADE DC REJEIÇÃO].

Pressuposto intertextual:

(pp₅) como temos defendido aqui, nossa hipótese, e em momentos anteriores, no posto "O soldadinho deficiente morreu na fogueira" está inscrito um pressuposto deontológico que dita o final dos contos de fadas:

DEFICIENTE DC NEG-PODER SE CASAR – caso do soldadinho,

ou sua recíproca

NEG-DEFICIENTE DC PODER SE CASAR – caso da totalidade das animações de contos de fadas, sobretudo disneyanos.

Após vermos as famílias pressuposicionais do enunciado síntese do fim, vamos agora aplicá-lo ao teste fregeano da *negação* e da *interrogação*, a fim de verificar se os pressupostos lhe resistem:

✓ O soldadinho deficiente **não** morreu na fogueira.

Essa negação não quebra nenhum dos pressupostos: não ter morrido na fogueira ainda preserva o conteúdo de que (pp₁) ele era deficiente, (pp₂) morreu, (pp₃) sofreu impedimentos e dificuldades, (pp₄) foi rejeitado, e sobretudo (pp₅), nossa hipótese: *não se casou por ser deficiente e não ter corpo padrão, como impõe animações de contos de fadas*.

✓ O soldadinho deficiente morreu na fogueira?

Igualmente, essa interrogação, isto é, a dúvida se o soldadinho morreu na fogueira ou não, não quebra nenhum dos pressupostos de 1 a 5 elencados acima, sobretudo o pressuposto intertextual (pp₅), nossa hipótese: indagar-se se ele morreu na fogueira ou não, *não desfaz a máxima pressuposta de dever ter corpo não-deficiente e padrão para poder se casar*.

Desta feita, cumpre-se nossa hipótese teórica de que, nos enunciados de *happy end* de contos de fadas cinematográficos ou mercadológicos, há relações de inferências entre os posto "casamento", ou "viver" (felizes para sempre) e o pressuposto de que, casar, no universo feérico cinematográfico infantil, significa ter corpo belo e típico nos moldes padrões. Se admitimos e consumimos o casamento das princesas e príncipes padronizados, somos forçados, pela pressuposição da imposição dos corpos padrões, a admitir o preconceito nos *happy ends*. Pois "Existe, entre certos enunciados da linguagem ordinária, relações e inferência, tais que, se admitimos umas, somos forçados a admitir outras" (DUCROT, 1989, p. 66, tradução nossa).

Ainda, a espessura intertextual da pressuposição que aqui revelamos – *happy end* para os típicos e final infeliz para os atípicos – também mostra a prática enunciativa de rearranjos para que o "felizes para sempre" seja permitido, na difusão ideológica dos contos de fadas: histórias dos sujeitos que não possuem beleza padrão, mas se transformam, do atípico horrendo para o típico estético, para que se possa lograr o *happy end*. São exemplos a *Fera*, de A Bela e a Fera, que se adequa em corpo padrão para se casar, e o *sapo*, que se adequa de grotesco diferente para padrão desejável, para poder viver o felizes para sempre, dentre outros contos¹⁷. Nossas análises corroboram, portanto, nossa hipótese teórica principal:

O conteúdo-pressuposto "possuir um corpo típico (não-deficiente) e beleza padrão para se casar", está inscrito no conteúdo-posto "casar-se nos contos de fadas", ou na expressão "happy end".

Tecnicamente, não se trata de uma pressuposição semântica/etimológica, mas uma pressuposição intertextual, histórica – e que não por isso deixa de ser pressuposição, como vimos. A

¹⁷ Evidentemente, há contra-exemplos desse pressuposto intertextual, como a animação *Shreck*. Contudo, mesmo encenando 'A Bela e a Fera' às avessas, narrando o *posto* grotesco (o ogro) que se casa com a bela (Fiona) que se transforma em ogra, **não elimina** o *pressuposto* presente da condição da beleza para se casar, mas faz desse pressuposto **uma condição de riso**. O que a obra *Shreck* faz, é enunciar/tematizar esse pressuposto da necessidade da beleza para se casar carnavalizando-o, caricaturando-o, enunciando o pressuposto em modos de comédia. É a comédia da transgressão: o texto *Shreck* tem sua organização fundante nessa carnavalização do pressuposto intertextual do feio que não pode se casar, mas se casou. Para aprofundamentos nessa discussão, recomendamos a leitura da dissertação de Assis (2022).

não-deficiência é, portanto, pressuposta (e imposta) nos casamentos de *happy ends* feéricos cinematográficos para público infantil. Em todo o universo feérico cinematográfico – até inclusive nos poucos exemplares que transgridem a poderosa imposição da beleza – deflagra-se a pressuposição intertextual perceptível, naturalizada, mas não dita, de um modo identificou Ducrot (1977, p. 26), aquele em que “o implícito é muito mais vivido do que formulado”. O que não o impede de ser um pressuposto de linguagem (gramatical, lexical, argumentativo, co-significado e intertextual), já que a linguagem se inscreve no nível explícito e implícito.

Conclusão

O soldadinho de chumbo (IMAGINATION; FILM A/S; MAGMA FILMS, 2017) revela, pelo conceito que aqui defendemos, um pressuposto intertextual, à luz de Ducrot (1999), Carel (2011) e Machado (2019), de exclusão e preconceito contra deficientes. O que fizemos foi propor um conceito de leitura política enquanto uma produção de sentidos afetada por uma realidade social, qual seja, a de que, em plena atualidade urbano-tecnológica moderna, sujeitos com deficiência vivem práticas de desigualdade social e profissional e cidadania não raras vezes comprometida, arquetipadas no soldadinho de Chumbo (que nem nome tem, porque é gesto social inominar o diferente e jogar-lhe à fogueira, já que o que/quem não tem nome não existe. Esta personagem é, pela lupa das questões da deficiência, o sujeito-vítima exemplar dos direitos lesados, liberdades limitadas e dignidade roubada, por possuir só uma perna, revelando o pressuposto intertextual de não estar no molde padrão requerido para “viver feliz para sempre”.

Vimos que, tecnicamente, O soldadinho de chumbo é uma estratégia argumentativa que se esmera em inverter argumentativamente o trágico refutável em romance desejável, e que, para isso, vale-se de modificadores desrealizantes (DUCROT, 1995). Por ele, a estratégia é enunciar a intolerância social vendendo-a de forma abrandada.

Nossa pesquisa põe emergência em práticas de leitura de pressupostos, “Pelo ato de pressuposição o locutor impõe ao destinatário um certo universo de discurso” (DUCROT, 1977, p. 109). Uma vez que as leituras pressuposicionais e argumentativas desconstruem leituras superficiais dos contos de fadas ao problematizar certos pressupostos sociais, inscritos na significação da linguagem e perpetuado nos contos de fadas.

Ao trazer à tona o pressuposto de que deficientes não se casam, em contos de fadas cinematográficos infantis, problematizamos o cerne de um preconceito opressivo aos deficientes e não detentores de poder aquisitivo que pode comprar/vender/perpetuar ideologias de beleza padrão. Nossa pesquisa tem aderência e impacto direto na área da Educação, dentre outras, porque revela o nefasto instrumento naturalizador do preconceito que pode ser, não o conto em si – muito rico, aliás, em reflexões sociais sobre o preconceito –, mas leituras desavisadas, naturalizadas e não críticas do conto O soldadinho de chumbo. O efeito de crítica que se produz nessa pesquisa recai mais sobre os modos de leitura do conto, do que sobre o conto em si.

Pode-se se dizer, sem entraves teóricos, que à luz da Semântica Argumentativa, nosso *corpus* (que revela uma prática enunciativa de contos de fadas higienizados das realidades sociais, para além da versão que analisamos), *quem* diz o soldadinho de chumbo (empresas que vendem estética de padrões de corpos, como as indústrias Disney), *diz* (a deficiência) por uma *deontologia* (romantizando o preconceito e o final infeliz), *com orientações básicas* (para que se instrumentalize certas leituras rasas como aquelas que tornam finais infelizes em felizes), *para alguém* (sobretudo crianças consumidoras de animações, que aprendem a acriticidade nos e pelos contos de fadas), *explicitando conteúdos* (a naturalização e romantização do preconceito) e *implicitando outros conteúdos* (a perpetuação, na maioria das versões, do pressuposto intertextual nefasto de que o *happy end* é privilégio dos corpos típicos e padronizadamente belos).

Uma semântica sócio-política tal como propo-

mos é produtiva por ocupar-se do fenômeno da linguagem por lupa política. Já que a sociedade é política em essência, e por isso a linguagem também o é, o que nos instiga a vivermos politizados para sempre.

Referências

ASSIS, Ana Carolina Lourenço. *Os ogros têm camadas (dialogicas): a corrosão carnavalesca dos elementos prototípicos dos contos de fadas tradicionais filmicos em Shrek (2001)*. (Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem, Linguística Aplicada), UFRN, Natal, 2022, 164f.

BEHE, Louise; CAREL, Marion; DENUÇ, Corentin.; MACHADO, Julio Cesar. *Curso de Semântica Argumentativa*. São Carlos: Pedro e João, 2021.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semântica argumentativa*. Una Introducción a la teoría de los bloques semánticos. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CAREL, Marion. A polifonia linguística. *Letras De Hoje*, v. 46, n. 1, 2011. p. 27-36. Disponível em <<https://revistasletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9218>>. Acesso 01 ago. 2023.

CAREL, Marion. Mais, une marque de négation partielle. In: W. Weindenbusch (Ed.) *Diskursmarker, Konnektoren, Modalwörter*, Narr Verlag, p. 143-158, 2014.

DUROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

DUROT, Oswald. *Logique, Structure, énonciation*. Paris: Les Éditions de minuit, 1989.

DUROT, Oswald. Les Modificateurs Déréalisants. *Journal of Pragmatics*, v. 24, n. 1-2, p.145-165, 1995.

DUROT, Oswald. Sémantique Linguistique et Analyse de Textes. In: MICHAUX, Henri. *Littérature*. n. 115, Paris: Persee, p. 104 - 125, 1999.

DUROT, Oswald. Les internalisateurs. In: Andersen et Nolke (Ed.) *Macrosyntaxe et macro-sémantique*. Berne: Peter Lang, 2002.

FARIAS, Maria Angélica Gonçalves de; SOARES, Marcia Torres Neri. *Análise da deficiência no conto 'o soldadinho de chumbo': um tema atual?*. In: Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade", 6, 2012, São Cristóvão SE, Brasil. Anais. São Cristóvão: Educon, 2012. Disponível em <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10174/8/7.pdf>>. Acesso 3 ago. 2023.

FREGE, Gottlob. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cutrix, 1978.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

IMAGINATION, Egmont; FILM A/S, A.; MAGMA FILMS. *O soldadinho de chumbo - The hardy tin Soldier*. Adaptado por Marcus Fleming, 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FfABX26bQzc>>. Acesso 23 jan. 2023.

MACHADO, J. C. Análise de discurso e semântica argumentativa: uma leitura argumentativa do interdiscurso. *Signo*, 44(80), 2019, p. 44-58. Disponível em <<https://doi.org/10.17058/signo.v44i80.13203>>. Acesso 7 ago. 2023.

SENADO FEDERAL. *Estatuto da Pessoa com Deficiência* - Lei n. 13.146/2015, 2015. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso 7 ago. 2023.

STEN, Samira da Costa. *Cinema e Educação: crítica à domesticação da memória em filmes de animação dos estúdios Disney*. (Tese de Doutorado em Educação), Universidade Estadual do Espírito Santo, Vitória, 2020, 203f.

Julio Cesar Machado

Bolsista de Produtividade em Pesquisa - Edital PQ/PROPPG UEMG 10/2022. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Montes Claros. Doutor em Estudos da Linguagem - Linguística - pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, com estágio de Doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, França (PDSE 5637/13-9). Mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Especialista em Linguística pela Universidade de Franca - UNIFRAN, Especialista em Gestão, Inspeção, Supervisão, Coordenação e Orientação pela Faculdade Calafiori, e Graduado em Letras pela Universidade de Franca. Professor efetivo da Universidade do Estado de Minas Gerais, no curso de Letras - Campus de Passos - UEMG. É editor do site francês científico-linguístico Sémantique Argumentative (semantique.hypotheses.org). Tem particular interesse nos trabalhos do Dr. Oswald Ducrot e Dra. Marion Carel, e pelo modo em que estes autores são trabalhados na França, na relação com a obra de Paulo Freire. Atua principalmente nos seguintes temas: linguagem/cultura brasileira, linguagem/cultura francesa, argumentação na língua, enunciação, semântica, análise de discurso, letramento, técnicas de leitura, Contos de Fadas, Paulo Freire e Relações Internacionais. Atualmente, desenvolve o Projeto de Pesquisa e Inovação "As animações enquanto acontecimento político: uma proposta de formalização de leitura política à luz de Paulo Freire" (Fomento: Edital PQ- UEMG 10/2022).

Endereço para correspondência

JULIO CESAR MACHADO

Universidade do Estado de Minas Gerais.

Avenida Juca Stockler, 1130, 31630900

Bairro Belo Horizonte, MG, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Mais H Consultoria Linguística Internacional e submetidos para validação do autor antes da publicação.